

Ovidio Quirino de Souza (Dico Quirino)



Figura 1 - Ovidio Quirino de Souza e sua esposa, Maria Garcia de Souza

In Memoriam – **Ovidio Quirino de Souza** (1919*2001+)



Ovídio Quirino de Souza, popularmente conhecido como Dico Quirino, ou “o poeta fazendeiro”, nasceu no dia 02 de junho de 1919, na fazenda de seu pai, Fazenda Palmeira, localizada às margens do rio Aporé, mais precisamente 06 quilômetros a oeste da “Ponte do Branco”, no município de Paranaíba – MS. Seus pais eram Ludovina Guilherme de Freitas e Quirino Machado de Souza.

Passou sua infância e adolescência residindo na fazenda de seu pai, sendo conhecido nos arredores, onde sempre expressava seu jeito simples de poeta sertanejo, inspirado em sua vida e nos acontecimentos locais.

Aos 21 anos de idade conheceu Maria Garcia de Souza, com quem se casou em 19 de abril de 1941, tendo com esta um filho, Sebastião Quirino de Souza.

Passou então a residir em sua própria fazenda, Fazenda Brejo D'Água, também localizada às margens do Rio Aporé, a qual recebeu de herança de seu pai, onde no ano de 1960 iniciou sua coleção de objetos antigos, dando origem ao seu museu particular.

Além de poeta, devotando-se a arte de versejar, Dico Quirino também era um colecionador apaixonado, e dedicou boa parte de sua vida à coleção de objetos antigos, garantindo a sobrevivência da história antiga da cidade onde nasceu, o que lhe conferiu a honra de ter seu nome atribuído ao museu de Paranaíba – MS, onde estão à mostra centenas de artefatos antigos, doados por ele.

Na edição do mês de junho de 1986, da revista MS Cultura, da Fundação Cultura de Mato Grosso do Sul, teve sua história publicada em uma reportagem, onde foi intitulado com um dos maiores poetas da então região do Bolsão.

Em abril de 1991, foi lançada a coletânea de poetas de Paranaíba – MS intitulada “Janela Poética”, onde Dico Quirino teve participação especial, com a publicação no livro de alguns de seus poemas.



Figura 2 - Dico Quirino em seu museu



Figura 3 - Capas da Revista MS Cultura e do Livro Janela Poética

No dia 03 de junho de 1997, concretizou um sonho, publicando seu livro “Rola o Toco Pro Meu Lado”, o qual foi lançado em uma cerimônia realizada na mesma data na Câmara Municipal da cidade, onde estão registrados 50 poemas do autor.

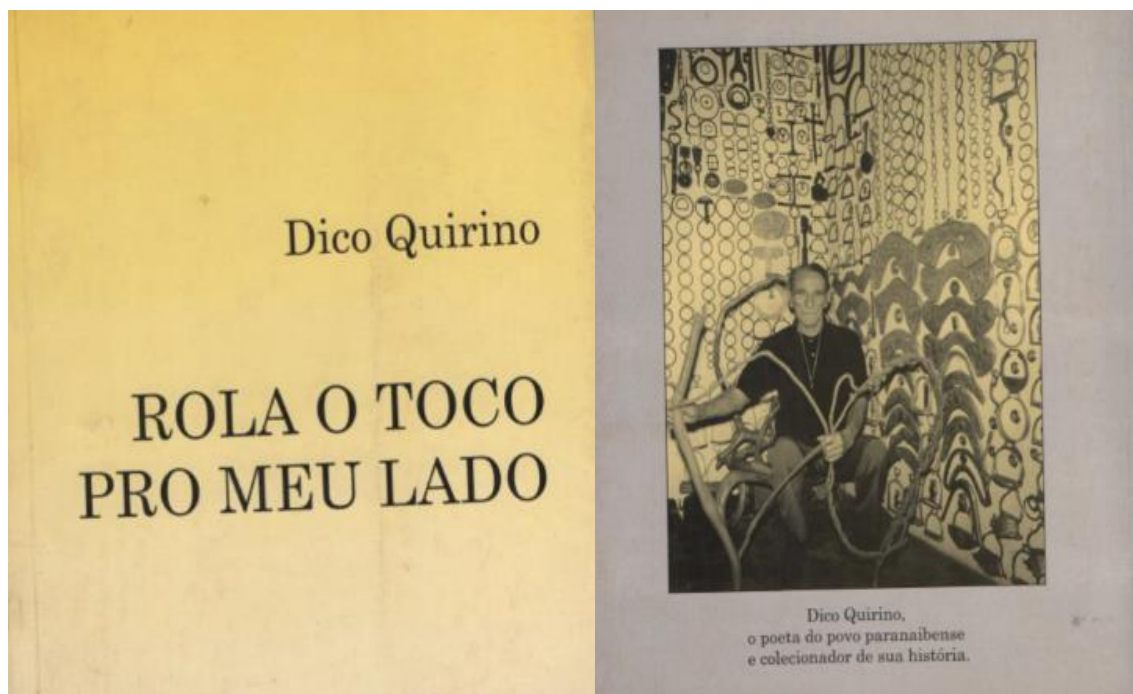


Figura 4 - Capa e contra capa do livro "Rola o toco pro meu lado"

Dico Quirino soube versejar, eternizando costumes e fatos de uma Paranaíba “cabocla”, com talento e vocação inata, retratou e traduziu o amor à terra que o viu nascer, deixando aqui o seu legado de pessoa honesta e trabalhadora.

Veio a falecer aos 82 anos de idade no dia 27 de junho de 2001 em Paranaíba-MS, cidade que tanto amou.

Algumas poesias de Dico Quirino

Carroça empinada

Na Rua Maria Antônia
De melhor não falta nada
Tem o museu Dico Quirino
É uma tranqueira estagnada
Logo perto um quebra galho
Remontou toda charada
Não é uma miscelânea
O que vende pouco ganha
Estas coisas reformadas.

De dois metros a queima bucha
Tem uma carroça empinada
Todo mundo ali conhece
É vidente e estagnada
Quem puxa é uma égua velha
Das cadeiras empinadas
Diz o amigo do Joãozinho
Que ela não cria mais potrinho
E não sabe andar peada.



Figura 5 - Dico Quirino declamando suas poesias

Sertanejo Inspirado

Fui nascido no sertão
Nele mesmo fui criado
Não frequentei colégio
Escrevo meu nome desenhado
Deus quando tira os dentes
Tem um verídico ditado
Abre a garganta de todos
Do cego e do aleijado
A minha felicidade
É meus versos estipulado
Quando eu ficar velhinho
Por Deus vou convocado
Meu nome fica na história
De sertanejo inspirado

Esmalte no céu brilhante

Meu Mato Grosso do Sul
Bolsão também vou dizer
Como não sou estudado
Posso em trova descrever
Este meu gênio inspirado
É criação de você
Vivo as ruas rimando
Trovando pro povo ver
Vou recebendo a mensagem
Transformando em homenagem
Os panoramas paisagens
Do chão que me viu nascer.

Sombreiro sem descarte

Sou filho de sertão querido
Neto do Brasil amado
Não tirei demografia
Sobre o meu gênero inspirado
Ninguém me ensinou a ler
O meu nome eu escrevo errado
Por eu não ter privilégio
Assim mesmo ainda forcejo.

Quem lê minhas trovas imagina
Que eu sou um homem alinhado
Eu trabalho sem sapatão
Vivo sujo e esfarrapado
Bebo água na cabaça
Como em prato descascado
Meu chapéu faz grande parte
É um sombreiro sem descarte
O chama das belas artes
Do meu sertão venerado.

Já tenho tido notícias
Dos violeiros afamados
Meus versos na censura
De bom gosto é aprovado
Tem entidade humorista
Além disso bem trovado
Só amo a Pátria querida
Não falo em mulher fingida
E faço moda sentida
No restrito limitado.

Meu trajeto sertanejo
É de apresentar na platéia
Expedir o meu destino
Promover a minha idéia
Demonstra a brasilidade
Comigo não tem lercia
Eu saúdo um pai de família
Troco os ossos com sua filha
Não espero a mão da velha
Imagina que maravilha.

Destino invertido

Desde o dia em que nasci
Trouxe a sorte demarcada
A rubidez da minha mãe
Não deu pra eu puxar nada
Deus vendo que era assim
Teve dó de minha jornada
Me deu uma veia poética
Jogo onda anelada
Igual bate o favônio
Deixando as águas arrepiadas.

Os bons ouvintes é que fazem
A fama do trovador
A roda é que aciona o fuso
Cidade é de ter doutor
A noite tem asteirismo
O dia tem resplendor
O sertão tem obras-primas
De homens histórico e bom autor
E sabe empregar as pérolas
Em busca do seu valor.

Saio tarde da noite
Pisando no aguapé
No marginal diamantino
Vou prevendo jacaré
Homem não vem me assombrar
Porque rezo e tenho fé
Tenho dom de não ter medo
De fantasma de mulher
Se vier pego a unha
Qualquer hora que quiser.

Quem seduz a verde selva
É fenestral celestial
Vigora a arte das plantas
E o cone do pinheiro
Erige a limologia
Das bordas do pantanal
Onde tem bichos anfíbios
Que leva as duas vidas iguais
Manifesta o planisfério
Mostra o ponto cardeal.

90

Existe os pássaros sonoros
Desprovidos do ensino
Fautoriza luz do dia
Com seu cantar matutino
As alternanças frondosas
Fornece o seu patrocínio
Da varvé ao folclorista
Artista de pêlo fino
Dedica a biologia
Por emblema do destino.

Quem não venera os mistérios
Do nosso pai celestial
Se tem visão panorâmica
Vem atrás dos calcanhares
O espírito é deslocado
Dos seus órgãos principais
Não recebe sugestão
Com veras provas legais
Limpa o sarro nos artistas
Na diversão social.

O inepto comodista
Trabalha para destruir
Ataca o bom criador
Para não deixar progredir
Evolução dominante

De dois destinos a seguir
Seja um raspão zoológico
Que passou perto de anuir
Ou a gafa que ataca os frutos
Que os engela e faz cair.

Se porém Deus permitisse
Compreensão pró-animal
De uma pré-ciência inata
Das correntes sideral
Surgisse lá da fauna
De dois a três ideal
Sobre a extensão da bruteza
E o alto perceber nasal
Bombardava os artista
Na diversão social.

Salvamos na audiência
No sertão e na cantina
Na cidade os literários
Com a evolução da doutrina
Conhece os ritos sagrados
E a vastidão das campinas
Qual foi o tecnólogo
Desta luz que nos ilumina
Ultrapassa o indolente
Limpador de nicotina.

91

Deus deixa o ervaçal
As plantas medicinais
Fez o vapor vir de encontro
Para os elementos vitais
Dando vida aos seres vivos
E a germinação geral
Para meus queridos ouvintes
Deu a parte educacional
Encontrou a má conduta
Nesta gente sem moral.

São esses os competidores
O antagonista final
Por ver o morcego voar
Na costa do animal
Os próprios órgãos obovolvidos
Agarrando ao carrascal
Pelejando para subir
Nas árvores tradicionais
Da brilho o audacioso
Forma um tempero sem sal.

Vem baixar em almas puras
Sem ter condições de nada
Forçando a convicção
Para se entrever na jornada
A fonte do entendimento

É uma tolice calinada
Perde a linha essencial
Começa a dar cabeçada
Acima da caveira humana
Quer compreender a jogada.

Se um grafista for artista
Faz galinha nascer dentes
Com a aquisição da inveja
Pregada na sua mente
No cobre prega azebre
Na operação a aderência
Na arte prega o ciúme
Origem da mesma essência
Que extrai do obscurantismo
Vem pra pressão da ciência.

Como vem os raios de luz
Que a substância da soltura
Procurando as influências
Da sideração segura
Há dois anos peço a Deus
Que desse em volta a cobertura
Neste despeito invertido
Nesta mulher sem cultura
Não pode ser minha empregada
Com um avental na cintura.

92